



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

GÊNERO, SEXUALIDADES E A CURIOSIDADE PELO SABER: DA CONCEPÇÃO A RESILIÊNCIA

Júlio César Rufino de Freitas

Universidade Federal Rural de Pernambuco - UFRPE, juliobiologo2004@yahoo.com.br

Nosso desenvolvimento e nossa aprendizagem está relacionada com a interação social no contexto histórico-cultural em que vivemos. Acreditamos, que a curiosidade pelo saber promove ressignificações no ambiente social e na interação plural das relações humanas. Aqui, destacamos a educação como ponto de partida para a resiliência e afirmação das diferenças/diversidades relativa as questões de gênero e sexualidades no âmbito escolar. Objetivando identificar na concepção discente representações/estereótipos de preconceitos relacionado ao gênero e as sexualidades, realizamos uma pesquisa de caráter qualitativo, onde, desenvolvemos uma oficina sobre a Dança Tradicional do Cavalo Marinho com 40 estudantes, 27 meninas e 13 meninos. Para isso, entrevistamos e gravamos o diálogo de 12 discentes que não participaram da aula prática. Com base nas respostas buscamos: promover a resiliência no ambiente escolar, pois as diferenças que caracterizam a pluralidade sociocultural não justificam/admitem desigualdades; e, investir na diversidade cultural, no protagonismo da criança e do adolescente e na (re)construção coletiva do conhecimento. Diante da análise dos dados percebemos na concepção discente o fortalecimento e reprodução de modelos heteronormativos, que hierarquizam o machismo e fortalece o sexismo. Percebemos ainda, que às questões relativas ao gênero ainda ecoa e se associa de forma excludente, resistente e preconceituosa com outras temáticas relacionadas as sexualidades, principalmente nas aulas de Educação Física. Além disso, durante as atividades de resiliência vivenciadas no âmbito escolar observamos que os alunos são sujeitos de suas ações, portanto passíveis a mudanças de concepções previamente formuladas, e que as sexualidades se impõe como uma temática de interesse.

Palavras-chave: gênero, sexualidades, escola, concepção, resiliência.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

INTRODUÇÃO

A sexualidade humana é amplamente discutida no meio acadêmico e compreende debates acerca das relações de gênero e sexualidades. No entanto, esses fenômenos não apresentam o mesmo significado, ainda que amplamente estejam associadas perante o senso comum. De acordo com Weeks (2000, p.43), o termo sexualidade é a “[...] descrição geral para a série de crenças, comportamentos, reações e identidades socialmente construídas e historicamente modeladas”, e o gênero descreve “[...] a diferenciação social entre homens e mulheres”.

O conceito de gênero se sobrepõe a diferenciação meramente relacionada a conduta sexual/sexo, por estar submersa na sociedade, onde “[...] os sujeitos se fazem homem e mulher em um processo continuado e dinâmico, dado no nascimento e, a partir daí, selado para sempre mas como processo de vida inteira no contexto das práticas sociais” (XAVIER FILHA, 2000, p.28-29).

Assim sendo, a noção de gênero decorre das práticas sociais vivenciadas na própria vida, nos meandros das esferas sociais, e nos grupos que estão inseridos estes homens e mulheres. A partir dessa conjectura de inacabamento e incompletude sobre às relações de gênero, que estão implícitas e explícitas dentro da abordagem da sexualidade, buscamos sua disposição na esfera educativa. Uma vez que, na educação os sujeitos se relacionam de forma ativa, criando e recriando suas relações.

Na escola a aprendizagem acontece na interação com o outro e em vivências significativas com o conhecimento socialmente construído. Portanto, essa pesquisa propõe: identificar na concepção discente representações/estereótipos de preconceitos relacionado ao gênero e as sexualidades; promover a resiliência no ambiente escolar, já que as diferenças que caracterizam a pluralidade sociocultural não justificam/admitem desigualdades; e, investir na diversidade cultural, no protagonismo da criança e do adolescente e na construção coletiva do conhecimento.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

METODOLOGIA

Enquanto movimento epistemológico utilizamos na pesquisa a Etnometodologia baseada na concepção de Alain Coulon (1995). Segundo o autor, “a etnometodologia é a pesquisa empírica dos métodos que os indivíduos utilizam para dar sentido e ao mesmo tempo realizar as suas ações de todos os dias: comunicar-se, tomar decisões, raciocinar” (COULON, 1995, p.30).

Portanto, realizamos uma pesquisa de abordagem qualitativa e natureza exploratória-descritiva que, segundo GIL (2002), apresenta como desígnio aproximar o sujeito do problema tornando-o explícito para construção de uma hipótese. Mas, principalmente, ela apresenta como objetivo ser exploratória porque aborda: “(a) levantamento bibliográfico; (b) entrevistas com pessoas que tiveram (ou tem) experiências práticas com o problema pesquisado; (c) análise de exemplos que estimulem a compreensão” (GIL, 2002, p.41).

Sujeitos da Pesquisa

A população em estudo foi representada por estudantes de uma escola rural da rede municipal de ensino do Ipojuca/PE. Correspondendo ao universo de 40 alunos, sendo 27 meninas e 13 meninos, entre 12 e 14 anos. Vale ressaltar, que nossa preocupação não está centrada em constituir um universo amostral. Assim, como afirma Minayo (2004, p.11), a relação quantitativa não contempla a subjetividade, que explica “[...] os meandros das relações sociais consideradas essência e resultado da atividade humana criadora, afetiva e racional, que pode ser apreendida através do cotidiano [...]”.

Instrumento de Coleta dos Dados

O instrumento selecionado para coleta de dados foi a entrevista semiestruturada destinado aos estudantes que não participarem da aula prática (12 alunos).

As entrevistas foram realizadas com uso de gravador MP3 e posteriormente transcritas, catalogadas e analisadas. Para não constituir um universo amplo e tornar



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

impossível sua análise, trabalhamos “[...] com uma amostra, ou seja, com uma pequena parte dos elementos que compõe o universo” (GIL, 2002, p.125).

Análise e Tratamento dos Dados

As entrevistas foram analisadas através da técnica de análise do conteúdo, descrita como

[...] um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens” (BARDIN, 2004, p.44).

Assim, a análise das entrevistas semiestruturadas ocorreu em três etapas: a pré-análise, organização do material da pesquisa; a exploração e descrição analítica do material; e, o tratamento e interpretação dos dados, para analisar o fenômeno pesquisado.

O estudo foi vivenciado durante as aulas de Educação Física, mas firmamos com a gestão escolar o direito de privacidade e a garantia de que as informações prestadas seriam tratadas com total sigilo e anonimato. Para tanto, elaboramos um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) informando e esclarecendo ao indivíduo de forma didática, bem resumida e em linguagem acessível as informações mais importantes da pesquisa, sendo entregue em duas vias assinada pelo gestor, responsável legal e professor-pesquisador, conforme a resolução nº 196/1996 do Conselho Nacional de Saúde (BRASIL, 1996).

Etapas Vivenciadas na Pesquisa

- Buscando Concepções - *Oficina Temática*

Os estudantes participaram de uma oficina, cuja temática foi a Dança Tradicional do Cavalo Marinho, nos dias 25 e 26 de setembro de 2014, totalizando 4 horas (duas horas de



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

atividade teórica e duas horas de atividade prática). No quadro 01 encontramos a temática propostas e os objetivos que nortearam o desenvolvimento teórico e prático.

QUADRO 01: Oficina temática: A Dança Tradicional do Cavalo Marinho, temáticas e objetivos, 2015.

OFICINA TEMÁTICA - DANÇA TRADICIONAL DO CAVALO MARINHO		
TIPO DE VIVÊNCIA	TEMÁTICA PROPOSTA	OBJETIVOS
Teórica – Prática	A Dança Tradicional do Cavalo Marinho: aspectos Históricos e Socioculturais;	Valorizar as diversas culturas presentes na constituição do Brasil como nação, reconhecendo sua contribuição no processo de constituição da identidade brasileira; Conhecer a existência de outros grupos culturais além do seu, reconhecer seu direito à existência e respeitar seus modos de vida e suas expressões culturais; Reconhecer as qualidades da própria cultura, valorando-as criticamente, enriquecendo a vivência de cidadania.
	Relações de Gênero e Sexualidades;	Respeitar a diversidade de valores, crenças e comportamentos existentes e relativos à sexualidade, desde que seja garantida a dignidade do ser humano; Reconhecer como determinações culturais as características socialmente atribuídas ao masculino e ao feminino, posicionando-se contra discriminações a eles associados.
Prática – Teórica	Pluralidade Cultural: Dançando por Princípios;	Saber lidar com as diferenças, respeitando a todos independentemente de questões de diversidade biológica, cultural e social, posicionando-se contrário a qualquer manifestação de preconceito/discriminação presente no âmbito escolar e em outros contextos socioculturais; Compreender a desigualdade social como um problema de todos e como uma realidade passível de mudanças.
	A Expressividade e a Criatividade na Dança Tradicional do Cavalo Marinho;	Conhecer a pluralidade existente em seu próprio meio, relacionando-se de forma respeitosa com suas diferentes manifestações; Desenvolver uma atitude de empatia e solidariedade para com aqueles que sofrem discriminação; Valorizar o convívio pacífico e criativo dos diferentes componentes da diversidade cultural.

Fonte: Adaptado dos PCNs: Tema Transversal Pluralidade Cultural e Orientação Sexual (1997).

- Resiliência – Atividades Vivenciais



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Durante esta etapa, vivenciada por duas semanas no ambiente escolar, os alunos desenvolveram atividades com o objetivo de ressignificar conceitos formulados socialmente na interação cotidiana com os outros e o meio. Vale ressaltar que as concepções previamente analisadas através da Oficina Temática ofereceram subsídios para a determinação das atividades vivenciadas em todas as turmas da instituição escolar.

Assim sendo, os professores participaram de uma oficina pedagógica onde foram apresentados os resultados preliminares da pesquisa sobre a concepção discente. Além disso, conheceram as temáticas e os objetivos que foram vivenciados no âmbito escolar, com aportes teóricos e práticos em consonância com o livro *Gênero e diversidade na escola: formação de professoras/es em Gênero, Orientação Sexual e Relações Étnico-Raciais* (BARRETO; ARAÚJO; PEREIRA, 2009). As atividades foram construídas coletivamente encima dos objetivos e das temáticas propostas/adaptáveis (Quadro 02).

QUADRO 02: Temáticas e Objetivo para atividades vivencias na Educação Escolar, 2015.

RESILIÊNCIA – A ESCOLA DIANTE DA DIVERSIDADE	
TEMÁTICA	OBJETIVOS
Diversidade: <ul style="list-style-type: none">- Definição de Cultura;- Diversidade Cultural;- Estereotipo e Preconceito;- Às Discriminações e Promoção da Igualdade;- Valorização da Diversidade;- Direitos Humanos.	Vivenciar simultaneamente a problemática da diversidade, do gênero, das sexualidades e orientação sexual, que estão intimamente imbricados na vida sociocultural e na história da sociedade, trazendo para o discurso aportes teóricos; (BARRETO; ARAÚJO; PEREIRA, 2009, p.13)
Gênero: <ul style="list-style-type: none">- Conceito de Gênero e Diferença Sexual;- Gênero e as outras formas de classificação social;- Construção Social da Identidade Adolescente/Juvenil e suas Marcas de Gênero;- Discriminação e Violência de Gênero;- Movimentos feministas e a superação;- Lei Maria da Penha (11.340/2006).	Possibilitar aos alunos e às alunas compreenderem as implicações éticas e políticas de diferentes posições sobre o tema e construir sua própria opinião nesse debate; (BARRETO; ARAÚJO; PEREIRA, 2009, p.14) Contribuir, mesmo que modestamente, com a escola em sua missão de formadora de pessoas dotadas de espírito crítico e de instrumentos conceituais para se posicionarem com equilíbrio em um mundo de diferenças e de infinitas



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Sexualidades e Orientação Sexual: <ul style="list-style-type: none">- Conceito de Sexualidade e Orientação Sexual;- Sexualidade Sociedade e Política;- O Corpo e a Sexualidade;- Identidade de Gênero e Orientação Sexual;- Orientação sexual: desejos, comportamentos e identidades sexuais;- O Movimento LGBT brasileiro;- O combate à discriminação sexual e de gênero;- Sexualidade Juvenil, Direitos e Diversidade Sexual;- Homofobia e heterossexismo;- Gravidez na Adolescência;- Maternidade, paternidade, contracepção e DST/Aids.	diferentes por meio dos processos de socialização. (BARRETO; ARAÚJO; PEREIRA, 2009, p.14)
--	---

Fonte: Adaptado do Livro Gênero e diversidade na escola: formação de professoras/es em Gênero, Orientação Sexual e Relações Étnico-Raciais (BARRETO; ARAÚJO; PEREIRA, 2009).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Partindo do pressuposto que no âmbito escolar meninos e meninas se relacionam, construindo e reconstruindo suas relações, proporcionamos uma aula-oficina diferenciada dentro da proposta curricular do componente Educação Física, sobre a Dança Tradicional do Cavalo Marinho. Essa dança, que ocorre predominantemente na Zona da Mata Setentrional Pernambucana durante os festejos natalinos e costuma ser brincada pelos trabalhadores canavieiros e por suas mulheres, possibilita que os sujeitos se relacionem através da execução de movimentos e gestos corporais. Além disso, apresenta elementos nas quatro linguagens artistas (as artes visuais, a dança, o teatro e a música) propostas pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1997),

Na Dança os sujeitos se movimentam dramaticamente contribuindo para integração e expressão consciente do corpo (re)construindo significados e valores sobre a cultura popular/local. Segundo Godoy e Antunes (2010, p.118-119), a execução dessa dança proporciona “[...] por meio da compreensão e da vivência, o respeito e a valorização da diversidade presente em nossa sociedade, fomentando a tolerância e ampliando a visão de mundo dos alunos”



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Portanto, através da Dança Tradicional do Cavalo Marinho, buscamos uma maior aproximação entre os estudantes para promover sua integração. Porém, observamos na análise da concepção discente que questões relacionadas ao gênero e as sexualidades ainda ecoam de forma resistente no âmbito escolar segregando e fortalecendo a reprodução de modelos heteronormativos, hierarquizando o machismo e fortalecendo o sexismo. Partindo dessa observação, citamos na tabela 01 a resposta dos estudantes que não participaram das aulas práticas-teóricas.

TABELA 01: Ecos de resistência na Educação Física Escola: gênero, idade e concepções dos estudantes. Ipojuca, Pernambuco, Brasil, 2014.

GÊNERO	IDADE	CONCEPÇÃO
Masculino	12 anos	“Não gosto de dançar, é muito difícil. As meninas ficam rindo, os meninos dizem que sou fresco [...] Pedrinho é que gosta de dançar, ele sempre dança na aula.”
Masculino	12 anos	“Porque não quero. As meninas podem dançar pra gente ver. Elas são bonitas dançando. Eu também não sei, é coisa de gay.”
Masculino	12 anos	“Não gosto. Eu só gosto de futebol mesmo. Dança é pra menina”
Masculino	13 anos	“Porque sou menino e não quero dançar. Eu até tento, mas o grupo fica falando que vou ficar igual ao Pedro. Ele é gay e eu não sou. Toda aula de educação física ele fica com as meninas, [...] não gosta de jogar bola. O professor as vezes dá aula de dança, as meninas pedem, mas não gosto.”
Masculino	13 anos	“Eu curto dançar não. [...] é muito difícil. Às vezes eu danço, mas os alunos ficam achando graça.”
Feminino	13 anos	“Não tenho coragem. Sou tímida. As meninas ficam chamando.”
Masculino	13 anos	“Eu queria. [...] O pessoal da sala fica falando depois. [...] eles tiram onda com todo mundo. Não quero passar vergonha.”
Masculino	13 anos	“É coisa de mulher professor. [...] Se eu dançar os meninos zoaram.”
Masculino	14 anos	“Não sei dançar nada. [...] Não quero nem tentar. [...] Professor essa dança é muito gay. Deixa as meninas dançar.”
Feminino	14 anos	“Não gosto de dançar. Eu danço em casa, mas não tenho coragem na escola.”
Masculino	14 anos	“Curto muito dançar, mas apenas hip-hop. Não curto essas danças regionais, são muito femininas.”
Masculino	14 anos	“Eu até queria participar, mas os meninos iriam falar que sou gay. E não sou. [...] Prefiro ficar aqui olhando as garotas e os outros.”

Fonte: própria, 2015.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Diante da análise dos dados coletados, percebemos segregação e exclusão por gênero, no ambiente escolar, onde, alguns estudantes, principalmente, do gênero masculino perderam contato físico/corporal com outros estudantes durante a aula prática vivenciada na oficina. Segundo Louro (1997, p.72), “nas aulas de educação física esse processo é, geralmente, mais explícito e evidente. [...] parece ser a área onde as resistências ao trabalho integrado persistem, ou melhor, onde as resistências provavelmente se renovam”.

Observamos que a resistência relacionada ao trabalho com à temática gênero acontece pela falta de diálogo e articulação na comunidade escolar, e vêm se mostrando presente nas aulas de Educação Física. Segundo Darido (2012, p.86), o professor de Educação Física se aproxima mais da abordagem temática, pois “[...] privilegia o uso do corpo ou a construção de uma cultura corporal, cujos valores sobre beleza, estética corporal e gestual aparecem frequentemente”. Cabe ressaltar, que os docentes enfrentam inúmeras dificuldades e conflitos referentes aos estereótipos de gênero que estão presentes na nossa cultura, inclusive no ambiente escolar.

A escola que atualmente “[...] não opera no vazio; a cultura que ali se transmite não cai em mentes sem outros significados prévios” se afunda no discurso biológico e positivista, esquece de transportar às relações de gênero para o contexto das práticas e relações sociais. Quando esse transporte ocorrer contribuirá para a desconstrução de estereótipos que limitam as ações docentes e discentes (SACRISTÁN, 1995, p.89).

Portanto, as questões relativas ao gênero ainda ecoam nas aulas de Educação Física e se associa de forma excludente, resistente e preconceituosa com outras temáticas relacionadas as sexualidades. Segundo Sousa e Altmann (1999), é necessário que o ensino escolar contribua para modificar esses valores e comportamentos que estão enraizados em diferentes indivíduos e grupos sociais, “[...], por outro, não podemos esquecer que a escola também constrói cultura e que é possível criar propostas político-pedagógicas que vinculem a cultura escolar e as aprendizagens de origem externa à escolaridade.” (SOUSA; ALTMANN, 1999, p.64).



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Visando superar as visões deformadas sobre sexualidades, e desconstruir estereótipos socialmente formulados, que estigmatizam e reproduzem modelos heteronormativos e coercivos de poder hierarquizando o machismo e fortalecendo o sexismo na sociedade, desenvolvemos vivências no ambiente escolar que promovessem a resiliência.

A terminologia resiliência é usualmente utilizada para caracterizar a capacidade do sujeito de resistir as adversidades do meio onde vive através da transformação e do desenvolvimento pessoal e social visando superar as dificuldades e as visões deformadas culturalmente imposta na sociedade. Assim sendo, ela pode ser trabalhada e vivenciada em qualquer agrupamento social (escola, comunidade, família). No ambiente escolar a resiliência está cada vez mais presente, pois “[...] não é um atributo que nasce com o sujeito, mas sim uma qualidade que nasce da relação da pessoa com o meio em que ela vive; e que pode fortalecê-la para superar as dificuldades e violências vividas” (ASSIS, 2005, p.7).

Durante as atividades vivenciadas, percebemos que: os alunos são sujeitos de suas ações, portanto passíveis a mudanças de concepções previamente formuladas; a sexualidade se impõe como uma temática de interesse, podendo ser ressignificada; e, a aprendizagem sobre o mundo, sobre si e sobre o outro desconstrói estereótipos de preconceitos, de discriminação, de exclusão e de violência. Mas, a escola deve perceber que está diante da diversidade e “o educador deve reconhecer como legítimo e lícito, por parte das crianças e dos jovens, a busca do prazer e as curiosidades manifestas acerca da sexualidade, uma vez que fazem parte de seu processo de desenvolvimento” (BRASIL, 1997, p.84).

CONCLUSÕES

Enfim, para construirmos um ambiente escolar livre de preconceitos e comportamentos excludente é importante modificar nossos valores e nossas atitudes à luz de reflexões sobre a realidade durante o processo de ensino-aprendizagem. Essa modificação perpassa por uma reavaliação sociopolítica-educacional na prática pedagógica, no currículo escolar e na formação docente. Cabe à escola, propiciar a ruptura desses ecos de resistência relativo as



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

questões de gênero e sexualidades, principalmente avançar epistemologicamente já que a sexualidade é um dos elementos da vida social e cultural. Além disso, é importante que os docentes percebam na sala de aula os estereótipos de preconceitos, que se multiplicam e perversamente induzem a intolerância, o silêncio, o sofrimento, a invisibilidade e a violência.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, F.S.; ANDRADE, I.A.; NUNES, J.A. Olhares: a música e a dança tradicional do Cavalo Marinho. In: GODOY, K.M.A.; ANTUNES, R.C.F.S (orgs.). **Movimento e cultura na escola: Dança**. São Paulo: Instituto de Artes da Unesp, 2010. cap. 11, p. 107-123.

ASSIS, S. G. **Encarando os desafios da vida: uma conversa com adolescentes**. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, ENSP, /CLAVES, CNPq, 2005.

BARRETO, A.; ARAÚJO, L.; PEREIRA, M. E. **Gênero e diversidade na escola: formação de professoras/es em Gênero, Orientação Sexual e Relações Étnico-Raciais**. Rio de Janeiro: CEPESC; Brasília: SPM, 2009.

BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Parâmetros curriculares nacionais para o ensino fundamental: Arte – 1ª a 4ª séries**. Brasília: MEC/SEF, 1997.

_____. SECRETARIA DE EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL. **Parâmetros curriculares nacionais: pluralidade cultural**. Brasília: MEC/SEF, 1997. Disponível em:<<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro101.pdf>>. Acesso em: 23 setembro 2014.

_____. SECRETARIA DE EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL. **Parâmetros curriculares nacionais: orientação sexual**. Brasília: MEC/SEF, 1997. Disponível em:<<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro102.pdf>>. Acesso em: 23 setembro 2014.

_____. CONSELHO NACIONAL DE SAÚDE. **Diretrizes e normas Regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos. Resolução 196/96**. Brasília: MEC, 1996. Disponível em:< <http://www.ufrgs.br/HCPA/gppge/res19696.htm>>. Acesso em: 23 setembro 2014.

DARIDO, S.C. Temas transversais e a educação física escolar. **Caderno de formação: formação de professores didática geral**. São Paulo: Cultura Acadêmica, v. 16, p. 76-89. 2012.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

GIL, A. C. **Como elaborar Projetos de Pesquisa**. 4.ed. São Paulo: Atlas S.A., 2002.

LOURO, G.L. **Gênero, sexualidade e educação; uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis: Vozes, 1997.

MINAYO, M.C. S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 8. ed. São Paulo: Hucitec, 2004.

SACRISTÁN, J. G. "Currículo e diversidade cultural". In: SILVA, T. T.; MOREIRA, A. F. (orgs.). In: **Territórios Contestados: O Currículo e os Novos Mapas Políticos e Culturais**. Petrópolis: Vozes, 1995, cap. 4, p. 82-113.

SOUSA, E.; ALTMANN, H. Meninos e meninas: Expectativas corporais e implicações na educação física escolar. **Cadernos Cedes**. Campinas: Cedes, v. 48, p. 52-68. 1999.

XAVIER FILHA, C. **Educação Sexual na Escola: o dito e o não dito na relação cotidiana**. Campo Grande: UFMS, 2000.

WEEKS, J. O Corpo e a Sexualidade. In: LOURO, G.L. (org.). **O Corpo Educado**. 2. Ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000, cap. 2, p. 35-83.